



Apresentação à tradução do conto “Oui or no”, de Monique Proulx¹

Diz-se que o Canadá é um país bilíngue; é olhando os seus dados linguísticos e sua história com mais cuidado que se descobre que o bilinguismo não é homogeneamente distribuído no território. É possível que um habitante da antiga região de colonização inglesa não fale o francês, porém nas regiões francófonas é muito provável que, se não a expressão em inglês, ao menos a compreensão da língua seja muito mais difundida. O estatuto das duas línguas é desequilibrado.

Precisamos falar de língua antes mesmo de pensar nas instituições políticas do Canadá, porque a língua é um dos elementos identitários mais importantes para a coesão e a permanência de um grupo e para as reivindicações nacionalistas como tal acontece com os catalães ou os bascos, ou mesmo com a história da França, que precisou abafar todas as outras línguas para se instituir como nação.

A história de guerras entre França e Inglaterra no norte da América significaram, após a anexação da ex-colônia francesa, um permanente jogo de forças em que os anglicismos tentam sempre engolir e assimilar e em que as regiões francófonas tentam demarcar seu espaço de autonomia federativa e cultural. Na prática, ao longo da história da formação do Canadá, o Quebec procurou ampliar as competências financeiras, as políticas culturais, buscando restringir as interferências federais. Quanto à constituição de uma nação *per se*, a história do Canadá conta com várias manifestações, desde intelectuais a eleitorais, pela soberania da província do Quebec.

O conto que apresentamos a seguir foi publicado em 1996, na obra *Les aurores montréalaises*² [As auroras montrealenses], um ano depois do segundo referendo pela independência do Quebec (o primeiro sendo de 1980). Em 1995, por apenas uma diferença de 54.288 votos³ (50,58%), o Quebec decidiu pelo “Non” e permaneceu ligado ao Canadá. Os votos pelo “Oui” também estavam muito mais bem distribuídos na maioria das regiões administrativas da província, porém, numericamente, não superaram a decisão da maioria de permanecer canadense. A análise dos votos pela origem mostrou que 60% dos francófonos votaram pelo “Sim”; os não-francófonos, inclusive quase todos os imigrantes, votaram majoritariamente pelo “Não” e entre as nações tradicionais, ou seja, as autóctones, que têm seu território em área de contato com Ontário, votaram maciçamente pelo “Não” (95%).

Monique Proulx conta, enquanto francófona, uma história de paixão, decepção e de amargor que entrelaça hábil e sensivelmente a história amorosa de uma mulher e a história de um país sem esse estatuto, mas que insiste em existir apesar de tudo.

1 Apresentação e tradução de Gabriela Expedita Amaral Ribeiro. Revisão do texto da apresentação e da tradução de Renato Venâncio Henriques de Sousa.

2 PROULX, Monique. *Les aurores montréalaises*: nouvelles Montréal: Boréal, 2005.

3 http://archives.radio-canada.ca/politique/provincial_territorial/dossiers/1796-12179/

**OUI OR NO**

Monique Proulx

*recepção: 22/02/2016
aprovação: 26/04/2016*

C'est l'histoire d'une femme qui rencontre un homme sans le rencontrer vraiment. Il y a beaucoup d'histoires de femmes qui rencontrent des hommes sans les rencontrer vraiment, beaucoup trop je sais bien. Encore une autre, allons, une dernière pour la route.

C'est l'histoire aussi d'un petit pays confus encastré dans un grand pays mou. Le petit pays n'a pas de papiers officiels attestant qu'il est bien un pays. Il a toutes les autres choses qui font un pays, mais les papiers, ça, il n'a pas. Parfois, il s'assoupit paisiblement dans le lit du grand pays mou en rêvant qu'il est chez lui. Parfois, il rêve que le grand pays mou l'enserme et l'engloutit dans ses draps marécageux et il se réveille avant de disparaître.

La femme de l'histoire habite ce petit pays. Elle s'appelle Éliane. Elle vit depuis des années avec Philippe, qu'elle appelle affectueusement Filippo pour des raisons oubliées. Lorsque l'histoire commence, elle est allongée sur un sofa tandis que Filippo pianote sur la télécommande du téléviseur. Elle regarde Filippo mais elle pense à Nick Rosenfeld, avec qui elle a couché la semaine dernière. C'est l'heure où la journée s'affaisse sur elle-même, immatérielle et épuisée. C'est l'heure aussi où le petit pays parle, à la télévision.

Il s'agit d'un moment historique, peut-être. Le petit pays se trouve dans une période de réveil et d'asphyxie, il réclame un lit à lui pour fuir les étreintes suffocantes. Cela prend des papiers en règle, des chartes, des cartes, un diplôme certifiant qu'il est bien un pays. Mais voilà. Les papiers ne sont pas gratuits, il faut les payer cher, il faut consentir à des sacrifices. Alors le petit pays consulte sa population, consulte, consulte. Il demande : «Nous permettez-vous d'acheter les papiers qui vont nous permettre d'être suffisamment en règle pour nous permettre d'avoir un lit à nous? Oui ou non.» Quand tout le

OUI OR NO¹Monique Proulx
Tradução Gabriela Ribeiro*recepção: 22/02/2016
aprovação: 26/04/2016*

Esta é a história de uma mulher que conhece um homem sem conhecê-lo realmente. Há muitas histórias de mulheres que se encontram com homens sem encontrá-los realmente; histórias demais, eu sei bem. Aqui vai mais uma, uma última para a lista.

É também a história de um pequeno país confuso aninhado em um grande país macio. O pequeno país não tem documentos oficiais atestando que ele é mesmo um país. Ele tem todas as outras coisas que compõem um país, mas os documentos, ah isso, ele não tem. Às vezes, ele adormece tranquilamente na cama do grande país macio, sonhando que está em casa. Às vezes, ele sonha que o grande país macio o aperta e o engole nos seus lençóis pantanosos e desperta antes que desapareça.

A mulher da história mora nesse pequeno país. Ela se chama Eliane. Vive há anos com Philippe, que ela chama afetuosamente de Filippo por razões esquecidas. Quando a história começa, ela está deitada em um sofá, enquanto Filippo passa os canais da televisão. Ela olha Filippo, mas pensa em Nick Rosenfeld, com quem dormiu semana passada. Agora, é a hora em que o dia desaba, imaterial e esgotado. É a hora também em que o pequeno país fala na televisão.

É um momento histórico, talvez. O pequeno país está em um período de despertar e de asfixia, ele reclama uma cama para si para fugir dos apertos sufocantes. Isso exige documentos regularizados, leis, mapas, um diploma certificando que ele é mesmo um país. Ora, a papelada não é gratuita: é preciso pagar caro por ela, é preciso consentir em fazer sacrifícios. Então, o pequeno país consulta a sua população, consulta, consulta. Ele pergunta: "Você nos autoriza a comprar os papéis que nos permitirão estar suficientemente regularizados para nos permitir

¹ N. da T.: "Sim ou não.". Todas as notas subsequentes são da tradutora.



monde aura été consulté, il y aura encore une ultime consultation, puis tout le monde ira enfin dormir.

La semaine dernière aussi ils parlaient du petit pays, juste avant que la bouche de Nick Rosenfeld s'empare de ses doigts à elle et les dévore de façon aussi audacieuse que surprenante. Après, ils n'ont plus parlé de rien. De l'autre côté de la fenêtre, l'édifice du *Toronto Star* braquait haut ses lettres lumineuses. Elle n'imaginait pas que la bouche de Nick Rosenfeld, si froide et intelligente, puisse se muer en organe sexuel. Elle n'imaginait pas des mots de fièvre dans cette bouche en possession du discours. (*Oh Éliane. My dear. Oh you. You.*) Ce qu'on n' imagine pas et qui survient quand même est un puissant élixir.

Chaque soir, le petit pays résume à la télévision l'état des consultations. On peut suivre aussi tous les détails dans les journaux, mais la télévision donne un meilleur spectacle des passions vraies incendant les vrais visages. Et puis à la télévision il y a Philippe-Filippo. En différé, il fait des commentaires et pose des questions. Le Filippo à côté du sofa d'Éliane n'est pas tout à fait le Philippe de la télévision. Celui de la télévision reste souriant et imperturbable peu importe ce qui déferle autour de lui. Celui à côté d'Éliane s'emporte et fulmine et enterre parfois le son de sa propre voix télévisuelle sous une émotion incontrôlable.

L'émotion est une huile frémissante qui s'enflamme vite chez les habitantes de ce pays. C'est peut-être la faute de leurs ancêtres latins. Par exemple, tout à l'heure au téléphone, bien avant que Filippo arrive, l'émotion a dévasté net le souffle d'Éliane. (*Hello, Éliane. It's Nick Rosenfeld. Is it a good time to call ?...*). Et cela s'est aggravé, durant les trente minutes qu'a duré l'appel, ni le souffle ni la capacité de former des phrases complètes ne sont revenus. La voix de Nick Rosenfeld se frayait dans son oreille un chemin inéluctable, chaude et assurée comme un pilier, comme un organe sexuel. (*When are you coming back to Toronto?*)

Le Philippe dans le téléviseur écoute posément quelques concitoyens du petit pays qui tergiversent, soupèsent, s'effraient. Faut-il vraiment changer ? Un lit neuf ne sera-t-il pas trop dur, trop petit, trop grand? Dormir seul

ter uma cama só para nós? *Oui ou non*²." Quando todos forem consultados, haverá ainda uma consulta definitiva, depois, todo mundo irá, enfim, dormir.

Na semana passada, eles também falavam do pequeno país pouco antes que a boca de Nick Rosenfeld se apoderasse dos dedos dela e os devorasse de forma tão audaciosa quanto surpreendente. Depois, eles não falaram de mais nada. Do outro lado da janela, o edifício do *Toronto Star*³ apontava para o alto suas letras luminosas. Ela não imaginava que a boca de Nick Rosenfeld, tão fria e inteligente pudesse mutar-se em órgão sexual. Ela não imaginava as palavras febris nessa boca em posse do discurso. (*Oh Eliane. My dear. Oh you. You.*⁴). O que não se imagina e que ainda assim advém é um poderoso elixir.

Toda noite, o pequeno país apresenta na televisão o estado da consulta. Pode-se também acompanhar todos os detalhes nos jornais, mas a televisão oferece um espetáculo mais vivo das paixões verdadeiras incendiando os verdadeiros rostos. E depois, na televisão está Philippe-Filippo. Na gravação, ele faz comentários e perguntas. O Filippo ao lado do sofá de Eliane não é exatamente o Philippe da televisão. Aquele da televisão continua sorridente e imperturbável pouco importando que ondas arrebatem à sua volta. Este ao lado de Eliane se inflama e fulmina e abafa, às vezes, o som da sua própria voz televisiva sob uma emoção incontrolável.

A emoção é um óleo fervente que se inflama rápido entre os habitantes desse pequeno país. Talvez seja culpa dos seus ancestrais latinos. Por exemplo, há pouco no telefone, bem antes que Filippo chegasse, a emoção devastou completamente o fôlego de Eliane. (*Hello, Eliane. It's Nick Rosenfeld. Is it a good time to call?...*)⁵. E isso se agravou durante os trinta minutos em que a

² É possível perceber, no texto original em francês, o contraste entre o "Sim ou não" escrito na língua materna dos francófonos com o "Sim ou não" do título, em que há a presença do inglês, como símbolo do choque político-cultural entre o Canadá anglófono e francófono. Para respeitar esse significante contraste, mantivemos o trecho em francês.

³ O *Toronto Star*, publicado em língua inglesa, é o maior jornal diário de circulação nacional no Canadá.

⁴ "Oh, Eliane. Minha querida. Oh, você. Você."

⁵ "Olá, Eliane, É o Nick Rosenfeld. Você pode falar agora?...".

n'est-il pas terrifiant ? Comment s'assurer qu'on ne fera pas de cauchemars ? N'existe-t-il pas des façons moins draconiennes d'échapper aux coups de pied et à l'asphyxie ? Pourquoi ne pas ramper vers le rebord du vieux matelas ? Pourquoi ne pas se gaver de somnifères ? Le Filippo dans le salon près d'Éliane laisse exploser la colère si magistralement absente de ses prestations télévisuelles. «Écoute-les, dit-il à Éliane. Écoute parler leur dignité et leur grandeur. Moutons courageux, grince-t-il. Voilà un emblème totémique à leur mesure, *Moutons courageux*.» Éliane partage les convictions de Filippo. Éliane ressemble à Filippo. A quel moment précis un couple s'éloigne-t-il de la passion pour s'acheminer vers la ressemblance ?

Nick Rosenfeld et Éliane gravitent à des années-lumière l'un de l'autre. Où se trouve maintenant l'espace qu'ils ont fiévreusement occupé ensemble ? Quand elle entend de nouveau sa voix au téléphone, plusieurs jours plus tard, cet espace ressurgit devant elle comme le seul territoire habitable. Elle ne voit plus l'écran de son ordinateur, les murs familiers qui abritent son univers, elle ne sait plus où elle est, elle redevient un corps vaincu et transporté que Nick Rosenfeld fouille opiniâtrement du sexe et de la langue, cherchant avec voracité quelque chose qu'il ne se lasse pas de ne pas trouver. Il prononce son nom «Alien», comme le monstre de l'espace, comme l'étranger qu'ils sont l'un pour l'autre. Elle ne comprend pas tous les mots qu'il dit. Elle comprend surtout ce qu'il veut très fort. Il veut retourner avec elle, le plus tôt possible, dans ce pays enflammé où n'existent ni frontière ni nationalité, où il fait si bon brûler, enfin dépossédés du tiède et de l'accessoire. (*Are we going to let this die? When are you coming back to Toronto?*)

Le petit pays, malgré lui, a fait une première victime. Pendant une séance de consultation, un homme très ému a avoué qu'il participait pour la première fois à quelque chose d'important, puis il s'est écroulé, terrassé par un infarctus. Filippo et Éliane en discutent, étendus fraternellement côte à côte. Les victimes ne choient jamais là où on les appréhende. Pour la première fois, Éliane est gênée

ligação durou: nem o fôlego nem a capacidade de formar frases completas retornaram. A voz de Nick Rosenfeld abria na sua orelha um caminho inelutável, quente e firme como um pilar, como um órgão sexual. (*When are you coming back to Toronto?*)⁶.

O Philippe no televisor escuta calmamente alguns concidadãos do pequeno país que tergiversam, ponderam, temem. É preciso mesmo mudar? Uma cama nova não será dura demais, pequena demais, grande demais? Será que dormir só não vai ser assustador? Como ter certeza de que a gente não vai ter pesadelos? Não existem formas menos draconianas de escapar dos chutes e da asfixia? Por que não rastejar para a beira do velho colchão? Por que não se entupir de soníferos? O Filippo na sala, perto de Eliane, deixa explodir a sua cólera tão magistralmente ausente das suas apresentações televisivas. “Ouve só! – diz a Eliane. Ouve a dignidade e a grandeza deles! Carneiros corajosos! – ele chia. É um emblema totêmico ideal para eles, *Carneiros corajosos*.” Eliane compartilha as convicções de Filippo. Eliane parece com Filippo. Em que momento preciso um casal se distancia da paixão e se encaminha para semelhança?

Nick Rosenfeld e Eliane gravitam a anos-luz um do outro. Onde está agora o espaço que eles febrilmente ocuparam juntos? Quando ela escuta de novo sua voz ao telefone, vários dias mais tarde, esse espaço ressurgiu diante dela como o único território habitável. Ela não vê mais a tela do seu computador, as familiares paredes que abrigam o seu universo, não sabe mais onde está, volta a ser um corpo vencido e arrebatado que Nick Rosenfeld revista obstinadamente com o sexo e a língua, procurando com voracidade alguma coisa que não cansa de não encontrar. Ele pronuncia seu nome “Alien”⁷, como o monstro do espaço, como estrangeiros que são um para o outro. Ela não entende todas as palavras que ele diz. Ela entende sobretudo o que ele deseja ardentemente. Ele quer retornar com ela, o mais cedo possível, a esse país em chamas onde não existe fronteira nem nacionalidade, onde é tão bom

⁶ “Quando você volta para Toronto?”

⁷ A pronúncia em inglês do nome “Eliane” é similar à palavra “Alien” (alienígena).



par la chaleur du corps de Filippo. Pour la première fois, elle le sent en danger. Elle se serre contre lui pour le protéger de Nick Rosenfeld. Danger. *Jeopardy*. Elle a longtemps cru que *Jeopardy* était une sorte de léopard, avant de regarder dans le dictionnaire.

Ils se parlent toujours dans sa langue à lui, même s'il dit comprendre sa langue à elle. La conversation est périlleuse, bien sûr, puisqu'elle doit naviguer entre l'écueil de l'émotion et l'écueil des mots étrangers. Chaque fois qu'à l'autre bout du fil Nick Rosenfeld raccroche, elle cherche et trouve trop tard dans le dictionnaire ce qu'il aurait fallu lui dire, elle prépare des phrases terriblement efficaces qui s'évanouissent au moment de les prononcer. (*Your accent is adorable.*) La conversation est périlleuse et inégale. Quand enfin elle parvient, après de laborieux entortillements, à lui exprimer le bouleversement que lui cause sa voix au téléphone et la frayeur surtout que lui cause ce bouleversement, sa réponse à lui la foudroie. (*Same here.*) Oh cette langue lapidaire qu'il a, cette langue en coups de poing. Comment résister à une langue qui va droit au but et qui persiste si longtemps dans la mémoire? (*Oh Éliane. My dear. Oh you. You.*)

Les attentes sont source de palpitations et de souffrances, mais l'humanité n'a rien trouvé de mieux pour rester éveillée. Le petit pays, par exemple, s'attend à ce que sa population accepte avec exaltation les sacrifices que mènent au lit neuf, s'attend à ce que le grand pays accueille avec bienveillance ses velléités d'indépendance et lui prête même des oreillers. Éliane s'attend à un bouleversement fondamental si elle obéit à la voix de sirène de Nick Rosenfeld l'intimant sans relâche de revenir près de lui. (*Are we going to let this die?*) Que se passera-t-il s'il dit «*I love you*», mots terrifiants et cinématographiques qui débouchent sur un abîme? Que se passera-t-il s'il ne les dit pas? Qu'arrivera-t-il au petit pays s'il ne parvient à convaincre personne? Il faut cesser d'avoir peur. Il faut aller voir.

Rien n'est plus rapide que de glisser du petit pays au grand, rien ne se fait plus machinalement. On prend l'avion parmi des gens d'affaires aux malles bourrées de statistiques, et on atterrit une heure et demie plus tard aux côtés de Nick Rosenfeld.

queimar, enfim despojados do morno e do acessório. (*Are we going to let this die? When are you coming back to Toronto?*)⁸.

O pequeno país, contra a sua vontade, fez sua primeira vítima. Durante uma seção da consulta, um homem muito emocionado revelou que participava pela primeira vez de algo tão importante e depois sucumbiu, vítima de um infarto. Filippo e Eliane falam disso, alongados lado a lado, fraternalmente. As vítimas nunca caem onde podem ser socorridas. Pela primeira vez, Eliane fica incomodada pelo calor do corpo de Filippo. Pela primeira vez, ela sente que ele corre perigo. Ela se aconchega a ele para protegê-lo de Nick Rosenfeld. Perigo. *Jeopardy*⁹. Por muito tempo ela achou que *Jeopardy* era um tipo de leopardo, antes de procurar no dicionário.

Eles se falam sempre na língua dele, mesmo se ele diz entender a língua dela. A conversa é perigosa, é claro, já que ela tem de navegar entre os recifes da emoção e os recifes das palavras estrangeiras. Cada vez que Nick Rosenfeld desliga, ela procura e encontra tarde demais, no dicionário, o que deveria ter dito, ela prepara frases terrivelmente eficazes que se esvaem no momento de pronunciá-las. (*Your accent is adorable*¹⁰.) A conversa é perigosa e desigual. Quando, enfim, ela consegue, após laboriosos enleamentos, exprimir o sobressalto que lhe causa a voz dele ao telefone e sobretudo o terror que lhe causa esse sobressalto, a resposta dele a fulmina. (*Same here*¹¹.) Oh, que língua lapidar a dele, essa língua em punhaladas. Como resistir a uma língua que vai direto ao assunto e que persiste tanto tempo na memória? (*Oh Eliane. My dear. Oh you. You.*¹²)

As esperas são fonte de palpitações e de sofrimentos, mas a humanidade não encontrou nada melhor para manter-se acordada. O pequeno país, por exemplo, espera que a sua população aceite com exaltação os sacrifícios que levam à cama nova, espera que o grande país receba com benevolência suas

8 “Vamos mesmo deixar *isso* morrer? Quando você volta para Toronto?”

9 “Perigo.”

10 “Seu sotaque é adorável.”

11 “Digo o mesmo.”

12 “Oh, Eliane. Minha querida. Oh, você. Você.”



Éliane avait oublié que Nick Rosenfeld est grand et froid comme un paysage polaire. Ses yeux se dissimulent sous des verres fumés. Dans la voiture qui quitte l'aéroport, il conduit vite et il parle avec réserve. Éliane est figée par l'effroi jusqu'à ce que soudainement, à un feu rouge, Nick Rosenfeld s'empare de sa main et la broie dans la sienne. Chez lui, presque tout de suite après, il la débarrasse de son sac, de ses hésitations, de ses vêtements, et voilà que la magie recommence- sa bouche fraîche et avide sur elle comme sur un Stradivarius, la musique ardente de sa voix (*Oh you. Éliane. Oh my dear. My love.*)

Ils font l'amour toute la journée, toute la soirée - huit fois de suite, s'émerveille mentalement Éliane lorsqu'une accalmie lui redonne la faculté de compter. Ils expédient rapidement le foie gras et le champagne apportés par Éliane : l'hédonisme triomphant de Nick Rosenfeld est tout entier concentré ailleurs. (*You're so sexy. You're so. Oh you.*) Tard dans la soirée, les jambes toujours emprisonnées par celles d'Éliane, il étire le bras et il joue un moment avec la télécommande du téléviseur. Le monde habituel, un monde extraordinairement étrange tout à coup, envahit l'écran devant eux : que font là tous ces gens habillés et anxieux, pourquoi discutent-ils douloureusement au lieu de se caresser? Éliane se dresse sur un coude quand elle reconnaît Filippo. Le petit pays parle, en différé. Vu d'ici, entre des draps étrangers mouillés par le plaisir, le petit pays semble si triste et pathétique. Le visage de Filippo est celui d'un chevalier fourbu en quête du Saint-Graal qui se dérobe sans cesse. D'ici, entre des draps froissés que ne glace aucune peur, on peut voir à quel point la quête du petit pays est une épreuve. Comment abréger cette épreuve, comment éviter qu'elle revienne inlassablement? Oh la détresse si apparente du petit pays, qui voudrait tant être fort et sûr de lui, qui souhaiterait tellement ne plus craindre de disparaître. Éliane demande à Nick Rosenfeld d'éteindre le téléviseur.

Nick Rosenfeld est en proie à une mystérieuse alternance. Debout, il devient raide et prisonnier de phrases compassés. (*We get along so well. I am sure we will be friends.*) Allongé, il brûle comme un volcan aux laves inépuisables. (*Oh Éliane.*

veleidades de independência e até que lhe empreste uns travesseiros. Eliane espera um sobressalto fundamental se obedecer à voz de sereia de Nick Rosenfeld intimando-a sem trégua a voltar junto a ele. (*Are we going to let this die?*²³) O que acontecerá se ele disser "*I love you*", palavras assustadoras e cinematográficas que desembocam em um abismo? O que acontecerá se ele não as disser? O que acontecerá com o pequeno país se ele não conseguir convencer ninguém? É preciso parar de ter medo. É preciso ver o que acontece.

Não há nada mais rápido que deslizar do pequeno país para grande, nada mais mecânico. Toma-se um avião em meio aos empresários de malas abarrotadas de estatísticas e se aterrissa uma hora e meia mais tarde junto a Nick Rosenfeld.

Eliane havia esquecido que Nick Rosenfeld é alto e frio como uma paisagem polar. Seus olhos se dissimulam sob vidros fumês. No carro que deixa o aeroporto, ele dirige rápido e fala com reserva. Eliane está imobilizada pelo pavor até que, repentinamente, em um sinal vermelho, Nick Rosenfeld toma a sua mão e a comprime na sua. Na casa dele, quase imediatamente, ele a desembaraça da sua bolsa, das suas hesitações, das suas roupas e eis que a magia recomeça – sua boca fresca e ávida sobre ela como sobre um Stradivarius, a música ardente da sua voz. (*Oh you. Eliane. Oh my dear. My love.*¹⁴)

Eles fazem amor o dia inteiro, a noite inteira – oito vezes seguidas, maravilha-se mentalmente Eliane quando uma acalmia lhe devolve a faculdade de contar. Eles despacham rapidamente o *foie gras* e o champanhe trazidos por Eliane: o hedonismo triunfante de Nick Rosenfeld está inteiramente concentrado em outra parte. (*You're so sexy. You're so. Oh you*¹⁵.) Mais tarde, durante a noite, com as pernas ainda aprisionadas pelas de Eliane, ele estira o braço e brinca um momento com o controle remoto da televisão. O mundo habitual, um mundo de repente extraordinariamente estranho, invade a tela diante deles: o que fazem ali todas essas pessoas bem vestidas e ansiosas, por que discutem

13 "Vamos mesmo deixar *isso* morrer?"

14 "Oh, você. Eliane. Minha querida. Meu amor."

15 "Você é tão sexy. Você é. Oh você."



Oh lovely. Oh you. You.) Toutes ces heures où ils s'étendent l'un dans l'autre sont terriblement explosives. Mais comme il faut bien se lever pour se rendre quelque part, c'est le Nick Rosenfeld vertical et glacial qui reconduit Éliane à l'aéroport. Par quelles blessures, quels trous invisibles perd-il si soudainement sa chaleur? Mieux vaut ne pas s'acharner sur des questions sans réponses. Mieux vaut prendre un journal dans l'avion pour fuir l'inexplicable. L'inexplicable se trouve aussi dans les journaux de l'avion. Il est écrit, dans ces journaux de l'avion édités par le grand pays, que le petit pays n'est pas un pays. Il est écrit que le petit pays n'a rien de distinctif, rien à préserver, rien à exiger. S'il change de lit, on lui rendra le sommeil impossible. Pourquoi le petit pays, composé de tout ce qui forme un pays, n'est-il pas un pays? Les journalistes du grand pays ne le disent pas. Encore une question abandonnée sans réponse, encore de l'inexplicable difficile à fuir.

La chose à faire en revenant serait de retourner à l'ordinateur et aux murs familiers comme si rien ne s'était passé. Rien ne s'est passé peut-être, puisque Filippo ne sent aucune odeur nouvelle sur Éliane. Les odeurs sont dissimulées à l'intérieur, en compagnie de la voix horizontale et fiévreuse de Nick Rosenfeld, et cette entité clandestine trépigne et gronde à la recherche d'air.

Peut-on être amoureuse du souvenir d'une voix et d'une bouche, obsédée par ce qu'on sait n'être qu'un mirage qui nous laissera plus assoiffée qu'avant si on s'obstine à le revisiter? Il semble que oui. Éliane connaît les parties froides de Nick Rosenfeld et l'exiguïté de leur territoire commun. Elle constate aussi que l'affrontement de leurs corps a banni celui de leurs intelligences : depuis cette fois-là où la bouche de Nick Rosenfeld a rompu en elle une digue, il n'a plus été question de grand et de petit pays entre eux, il n'a plus été question de rien de raisonnable ou de professionnel. Pourtant, elle souhaite reconstituer un tout à partir des parties torrides de Nick Rosenfeld, comme si ses parties froides n'avaient pas déjà remporté la bataille. Nick Rosenfeld l'a rejetée, puisqu'il ne rappelle pas.

C'est de rejet que l'on meurt le plus douloureusement. Il y a des moments devant le téléviseur où Filippo et Éliane ne parlent pas. Lorsqu'ils entendent les

dolorosamente em vez de se acariciarem? Eliane se apoia sobre um cotovelo quando reconhece Filippo. O pequeno país fala, na televisão. Visto daqui, entre lençóis estrangeiros molhados pelo prazer, o pequeno país parece tão triste e patético. O rosto de Filippo é o de um cavaleiro esgotado em busca do Graal, que lhe escapa infindavelmente. Daqui, entre lençóis amassados que nenhum medo gela, pode-se ver o quanto a busca do pequeno país é uma provação. Como abreviar essa provação, como evitar que ela retorne incansavelmente? Oh, a aflição tão aparente do pequeno país, que queria tanto ser forte e seguro de si, que desejava tanto não ter medo de desaparecer. Eliane pede a Nick Rosenfeld para desligar a televisão.

Nick Rosenfeld sofre de uma misteriosa alternância. De pé, ele se torna rígido e prisioneiro de frases compassadas. (*We get along so well. I am sure we will be friends.*¹⁶) Deitado, ele queima como um vulcão de lavas inesgotáveis. (*Oh Eliane. Oh lovely. Oh you. You.*¹⁷) Todas essas horas em que eles se estendem um no outro são terrivelmente explosivas, mas como é preciso se levantar para ir a algum lugar, é o Nick Rosenfeld vertical e glacial que leva Eliane ao aeroporto. Por quais feridas, quais furos invisíveis ele perde tão repentinamente o seu calor? Mais vale não insistir nessas perguntas sem resposta. Mais vale pegar um jornal no avião para fugir do inexplicável. O inexplicável também se encontra nos jornais do avião. Está escrito, nesses jornais do avião editados pelo grande país, que o pequeno país não é um país. Está escrito que o pequeno país não tem nada de particular, nada a preservar, nada a exigir. Se ele mudar de cama, não o deixarão dormir em paz. Por que o pequeno país, composto de tudo o que forma um país, não é um país? Os jornalistas do grande país não dizem. Mais uma pergunta abandonada sem resposta, ainda o inexplicável difícil de fugir.

A coisa a fazer ao voltar é retornar ao computador e às familiares paredes como se nada tivesse acontecido. Talvez nada tenha acontecido, já que Filippo não sente nenhum cheiro novo em Eliane. Os cheiros estão dissimulados no

¹⁶ “Nós nos damos tão bem. Tenho certeza de que seremos amigos.”

¹⁷ “Oh, Eliane. Oh, adorável. Oh você. Você.”



témoignages de gens venus d'ailleurs, installés ici depuis longtemps, et qui nient toujours l'existence du pays dans lequel ils nichent confortablement, Filippo et Éliane sont étreints par une douleur qui leur écrase les mots dans la bouche. Les mots n'existent pas pour condamner ces gens venus d'ailleurs, aux bonnes têtes sympathiques, qui rejettent, de leurs hôtes, le droit à la survie. Filippo et Éliane ont travaillé collectivement si fort pour se mettre dans la peau des autres qu'ils comprennent même les motifs complexes de ce rejet. Mais la douleur reste là, accablante: comment supporter que les autres, à leur tour, ne se glissent jamais dans leur peau à eux?

Éliane décide d'écrire à Nick Rosenfeld. Elle veut savoir quelle était cette chose essentielle exigeant sous peine d'être compromise qu'elle retourne près de lui (*Are you going to let this die?*) et qui s'est terminée là avant qu'elle la voie éclore. Ce n'est pas facile à formuler. Il faut se battre encore une fois sur son terrain à lui, palper sous tous leurs angles les mots étrangers pour en pressurer l'âme. Éliane traduit mentalement dans la langue de Nick Rosenfeld tout ce qu'elle entend, en manière d'exercice. *Passe me the butter. Give me a break. Do you agree with the law voted by the National Assembly and proclaiming a new bed? Yes or No.* Elle traduit les consultations télédiffusées en différé le soir. Parfois, elle n'a pas besoin de traduire, parce que les interventions sont déjà dans sa langue à lui : par exemple, celles des chefs de nations anciennes, drapés dignement dans leur propre extinction tragique, qui viennent s'opposer à la survie du petit pays. Il ne reste alors que Filippo à traduire, les questions imperturbables de Filippo : «*What do you mean when you say that we are not a nation?*» Mais traduire mentalement Filippo est une expérience difficile, qui la laisse terriblement honteuse. C'est à ce moment-là qu'elle sent qu'elle le trahit vraiment, qu'elle le trahit beaucoup plus qu'avec Nick Rosenfeld.

Finalement, Éliane n'a pas besoin d'écrire à Nick Rosenfeld, parce que la réponse à sa question informulable surgit tout à coup de partout. Elle n'a qu'à prononcer son nom, sur un ton vaguement détaché : une ébahissante quantité

interior, na companhia da voz horizontal e febril de Nick Rosenfeld, e essa entidade clandestina se debate e tropeça em busca de ar.

É possível estar apaixonada pela lembrança de uma voz e de uma boca, obcecada pelo que sabemos ser apenas uma miragem que nos deixará mais sedenta que antes se nos obstinamos a revisita-la? Parece que sim. Eliane conhece as partes frias de Nick Rosenfeld e a exiguidade dos seus territórios comuns. Ela constata também que o confronto dos seus corpos banii o confronto das suas inteligências: desde aquela vez em que a boca de Nick Rosenfeld rompeu nela um dique não se tratava mais de grande e pequeno país entre eles, não importava mais nada de razoável ou profissional. Entretanto, ela espera reconstituir um todo a partir das partes tórridas de Nick Rosenfeld, como se as partes frias já não tivessem ganhado a batalha. Nick Rosenfeld a rejeitou, já que não telefona mais.

É de rejeição que se morre mais dolorosamente. Diante da televisão, há momentos em que Filippo e Eliane não falam nada. Quando eles ouvem os testemunhos de pessoas vindas de fora, instaladas aqui há muito tempo, e que continuam a negar a existência do pequeno país no qual encontraram um nicho confortável, Filippo e Eliane são oprimidos por uma dor que lhes esmaga as palavras na boca. Não existem palavras para condenar essas pessoas vindas de fora, com seus bons rostos simpáticos, que recusam aos seus anfitriões o direito à sobrevivência. Filippo e Eliane trabalharam tanto, coletivamente, para colocar-se na pele dos outros, que entendem até os motivos complexos dessa recusa, mas a dor permanece lá, pungente: como suportar que os outros, por sua vez, nunca se coloquem na pele deles?

Eliane decide escrever a Nick Rosenfeld. Ela quer saber o que era essa coisa essencial que exigia, sob pena de ser comprometida, que ela voltasse para junto dele (*Are we going to let this die?*¹⁸) e que terminou antes que ela visse desabrochar. Não é fácil de formular. É preciso lutar mais uma vez no terreno dele, palpar as palavras estrangeiras sob todos os ângulos para espremer suas almas. Eliane traduz mentalmente na língua de Nick Rosenfeld tudo o que escuta,

¹⁸ “Vamos mesmo deixar isso morrer?”



de gens autour d'elle connaissent Nick Rosenfeld, ou plutôt connaissent une quantité de femmes ayant partagé les fièvres horizontales de Nick Rosenfeld. Il semble que toute femme bougeant à portée du regard froid de Nick Rosenfeld se soit retrouvée incendiée dans son lit, dans un emportement fugace ayant peu à voir avec elle.

On comprend tout des gens, des nations, quand on comprend la nature de leur quête. La quête de Nick Rosenfeld est onirique et abstraite. Elle va bien au-delà d'Éliane, bien au-delà des femmes réelles. Les femmes réelles servent de tremplins vers le rêve. La quête de Nick Rosenfeld exige qu'il s'étende aussitôt en elles les yeux fermés pour mieux s'évader d'elles. Éliane comprend, maintenant. Le plus difficile est de comprendre que la petite musique bouleversante de Nick Rosenfeld ne lui était pas personnellement destinée. (*Oh Éliane. Oh Carole. Oh Teresa. My love. Oh you.*)

La quête du petit pays, elle, a une destination réelle, bien que longtemps repoussée. Voici qu'après tous ces préliminaires, l'heure de l'affronter est arrivée. L'Ultime Consultation survient, parmi les citoyens du petit pays abasourdis par l'insomnie. Où iront-ils enfin dormir?

Filippo et Éliane sont dans le téléviseur lorsque le verdict tombe. Ils participent à une émission spéciale sur l'Ultime Consultation. Comme les autres invités, ils font des commentaires mesurés et choisissent les mots les moins contondants pour réagir posément à la situation. Ce n'est que beaucoup plus tard, sur le sofa du salon, que l'émotion les engloutit dans les bras l'un de l'autre.

C'est un chagrin aigu, une si violente déception qu'elle pourrait déboucher sur de la haine. Oui, la haine serait facile et peut-être consolante. Éliane et Filippo sont tentés par la haine envers leurs concitoyens, envers ces parties d'eux-mêmes devenues froussardes par peur d'être fanatiques. Moutons courageux. Puis, la haine s'estompe, car elle n'apaise rien. La moitié des gens du petit pays a peur de vivre dans un lit inconnu. L'autre moitié a peur de mourir dans le vieux lit connu. Comment savoir laquelle de ces deux peurs est la plus digne?

como forma de exercício. *Pass me the butter. Give me a break. Do you agree with the law voted by the Nacional Assembly and proclaiming a new bed? Yes or No*¹⁹. Ela traduz as consultas populares no programa de TV, à noite. Às vezes, ela não precisa traduzir, porque as declarações já estão na língua dele: por exemplo, as declarações dos chefes das nações indígenas, vestidos dignamente nas suas próprias extinções trágicas, que vêm se opor à sobrevivência do pequeno país. Só falta, então, traduzir Filippo, as perguntas imperturbáveis de Filippo: "*What do you mean when you say that we are not a nation?*"²⁰. Mas traduzir mentalmente Filippo é uma experiência difícil, que a deixa terrivelmente envergonhada. É nesse momento que ela sente que realmente o trai, que o trai muito mais que com Nick Rosenfeld.

Finalmente, Eliane não precisa escrever para Nick Rosenfeld, porque a resposta para a sua pergunta informulável surge de repente de todas as partes. Basta pronunciar seu nome com um tom vagamente desinteressado... Uma espantosa quantidade de pessoas em volta dela conhecem Nick Rosenfeld, ou melhor, conhecem uma grande quantidade de mulheres que compartilharam as febres horizontais de Nick Rosenfeld. Parece que qualquer mulher movendo-se ao alcance do olhar frio de Nick Rosenfeld arde em sua cama, em um arrebatamento fugaz que pouco tinha a ver com ela.

Entende-se tudo sobre as pessoas, e também sobre as nações, quando a natureza das suas buscas são compreendidas. A busca de Nick Rosenfeld é onírica e abstrata. Ela vai muito além de Eliane, muito além das mulheres reais. As mulheres reais servem de trampolim para o sonho. A busca de Nick Rosenfeld exige que ele se estenda imediatamente nelas, com os olhos fechados para se evadir melhor delas. Eliane entende, agora. O mais difícil é entender que a pequena música sobressaltante de Nick Rosenfeld não lhe era particularmente destinada. (*Oh Eliane. Oh Carole. Oh Teresa. My love. Oh you.*²¹)

¹⁹ "Me passa a manteiga. Me dá um tempo. Você concorda com a lei votada pela Assembleia Nacional proclamando uma nova cama? Sim ou Não."

²⁰ "O que você quer dizer quando afirma que nós não somos uma nação?"

²¹ "Oh, Eliane. Oh, Carole. Oh, Teresa. Meu amor. Oh você."

Doit-on voir une relation métaphorique entre la déception amoureuse d'Éliane et la déception idéologique du petit pays? Pour ma part, je m'en méfierais comme de tout ce qui est trop facile. Certes, Nick Rosenfeld appartient au grand pays dont Éliane craint l'étreinte suffocante. Mais la vie est remplie de hasards circonstanciels, et une femme n'est pas un pays, aussi petit soit-il.

C'est malgré tout de Nick Rosenfeld que vient la fin de l'histoire. Il téléphone à Éliane, le lendemain de l'Ultime Consultation. (*Hello, Eliane. It's Nick Rosenfeld.*) Et pendant qu'elle ne parle pas, raidie par la méfiance, il dit ces quelques mots, les plus tendres qu'elle ait entendus dans sa langue, il ne répète que ces quelques mots d'apaisement véritable. (*I'm sorry. I'm sorry.*)

A busca do pequeno país, por sua vez, tem um destino real, ainda que rejeitada por muito tempo. Eis que após todas essas preliminares, a hora de enfrentá-la chegou. A Consulta Definitiva é realizada entre os cidadãos do pequeno país, atordoados pela insônia. Onde eles irão enfim dormir?

Filippo e Eliane estão na televisão quando o veredito é anunciado. Eles participam de um programa especial sobre a Consulta Definitiva. Assim como os outros convidados, eles fazem comentários comedidos e escolhem as palavras menos contundentes para reagir calmamente à situação. É somente muito mais tarde, no sofá da sala, que a emoção os precipita nos braços um do outro.

É um desgosto agudo, uma decepção tão violenta que poderia degenerar em ódio. Sim, o ódio seria fácil e talvez trouxesse consolo. Eliane e Filippo são incitados ao ódio contra os seus concidadãos, contra essas partes deles mesmos que se tornaram covardes por medo de serem fanáticas. Carneiros corajosos. Depois, o ódio se atenua, pois não apazigua nada. A metade das pessoas do pequeno país tem medo de viver em uma cama desconhecida. A outra metade tem medo de morrer na velha cama conhecida. Como saber qual desses dois medos é mais digno?

Deve-se ver uma relação metafórica entre a decepção amorosa de Eliane e a decepção ideológica do pequeno país? Quanto a mim, eu desconfiaria, como de tudo que é fácil demais. Certamente, Nick Rosenfeld pertence ao grande país cujo aperto sufocante Eliane teme, mas a vida é cheia de acasos circunstanciais e uma mulher não é um país, por menor que seja.

É, apesar de tudo, de Nick Rosenfeld que vem o fim da história. Ele telefona para Eliane, um dia depois da Consulta Definitiva. (*Hello, Eliane. It's Nick Rosenfeld*²².) E enquanto ela não fala, enrijecida pela desconfiança, ele diz estas poucas palavras, as mais ternas que ela já tinha ouvido na língua dele, ele repete apenas estas poucas palavras de consolo verdadeiro. (*I'm sorry. I'm sorry*²³.)

22 "Olá, Eliane. Sou eu, Nick Rosenfeld."

23 "Sinto muito. Sinto muito."



LES ÉDITIONS DU BORÉAL

Montréal, October 21st 2015

Villas-Boas & Moss Literary Agency Rio de Janeiro
Av. Delfim Moreira 1.222 / 102
Cep 22.441-000
Rio de Janeiro, RJ
Brasil

Dera Anna Luiza,

Les Éditions du Boréal do authorize Professor Renato Venancio to publish on the online magazine Dialogarts the original French version and the Portuguese translation of the short story «oui or no » published in the collection *Les Aurores montréalaises* by Monique Proulx.

Copyright notice, along with the author's name, must be reproduced with the publication as follow : © Les Éditions du Boréal, 1996

This authorization is free of charge. However we would kindly ask to receive the translated text as well as the link to the publication.

Kind regards,



Sandra Gonthier
International rights